

A ESCRITA DE LÍLIA MOMPLÉ: ENTRE HISTÓRIA E FICÇÃO

MARIA SUELY DE OLIVEIRA LOPES¹

RESUMO

A história é a base que nos dá oportunidade de conhecer as fases que o povo moçambicano percorreu, sendo que este percurso é entendido como um processo que se desenrola como um guia de reflexão para o presente e que permite a visão do que será o futuro. Os contos de Lília Momplé mostram vários temas que se pronunciam a partir das relações de trabalho. Interessa-nos saber como tais contos deslindam as situações sociais por meio da literatura. Inicialmente, podemos perceber no discurso de Lília Momplé uma denúncia em relação à redução do trabalhador a um estado de miséria absoluta. Etimologicamente, o termo trabalho alude ao sentido de castigo ou à dor, conforme explica Reis, “A palavra surgiu no sentido de tortura, no latim tripaliare, torturar com tripalium, máquina de três pontas” (REIS, 2007, p.9). É neste cenário de tortura, subalternização é que surge a escrita da moçambicana Lília Momplé, que ao exibir relatos do tempo colonial e pós-colonial, aproveita as personagens femininas como meio de denúncia no que se refere ao plano individual e ao coletivo de um povo. Embora a literatura feminina africana tenha sido quase nula no período colonial, e de igual modo no tempo de luta de libertação nacional (pós-revolução), muitos são os autores que utilizam a temática ligada à mulher como inspiração. Com o intuito de denunciar as atrocidades de um tempo marcado pela inferioridade do ser africano e da figura feminina, o ato de narrar para a escritora moçambicana representa, assim, um processo necessário para estabelecer a identidade do seu país e do seu povo. O presente trabalho objetiva investigar relatos do real no **conto *Ninguém matou Suhura*** (contos, 1988) de Lília Momplé numa perspectiva histórica. Metodologicamente o trabalho se sustentará no pensamento de teóricos como Alós (2011), Hutcheon (1991) entre outros. Em síntese, almejamos concluir esta pesquisa mostrando que, pelo discurso histórico, é possível desvendar, a partir das personagens femininas, relatos do período colonial e pós-colonial.

Palavras-chave: Escrita de Lília Momplé. Relatos da História. Período Colonial e Pós-colonial.

¹ Doutora em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Professora Adjunta da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) atuando nas áreas de Teoria Literária, Crítica Literária, Literatura Brasileira. Atualmente é professora do Programa de Pós-Graduação de Letras da Universidade Estadual do Piauí-PPGLETRAS/UESPI. É membro do Grupo de Estudos Interdisciplinares em Literatura comparada (INTERLIT). É filiada a ADHILAC e é Pós - Doutora pela Universidade Federal do Piauí- UFPI tendo desenvolvido pesquisa como Investigadora Visitante na Universidade de Buenos Aires- UBA. Email: mariasuely@cchl.uespi.br

INTRODUÇÃO

O surgimento das literaturas de Língua Portuguesa na África derivou, por um lado, de um longo processo histórico de quase quinhentos anos de assimilação de parte a parte e, por outro, de um processo de conscientização que se iniciou nos anos 40 e 50 do século XIX, relacionado com o grau de desenvolvimento cultural nas ex-colônias e com o surgimento de um jornalismo por vezes ativo e polêmico que, destoando do cenário geral, se pautava numa crítica severa à máquina colonial. A partir de seu surgimento, muitos autores e autoras foram se manifestando dentro do que entendemos por Literatura Africana.

Em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, o escritor de origem africana vivia, até a data da independência, no meio de duas realidades às quais não podia ficar alheio: a sociedade colonial e a sociedade africana. A escrita literária expressava a tensão existente entre esses dois mundos e revelava que o escritor, porque iria sempre utilizar uma língua europeia, era um “homem-de-dois-mundos”, e a sua escrita, de forma mais intensa ou não, registrava a tensão nascida da utilização da língua portuguesa em realidades bastante complexas.

Entre os principais escritores moçambicanos, como Noémia de Souza (que teve de se exilar do país em 1951), José Craveirinha (morto em 2003), Luís Bernardo Honwana (autor do célebre *Nós matamos o cão tinhos*, 2017), Rui Knopfli, Virgílio de Lemos e Rui Nogar, todos ligados a movimentos que traçaram o panorama literário de Moçambique dos anos 40 e 50, cujos ecos podem ser percebidos na poesia do pós-independência.

Os escritos literários do período pós-independência, ou pós-colonial, afastam-se do viés coletivo. Os autores assumem um tom individual e intimista para relatar a sua experiência pós-colonial. Entre os escritores destacamos Ungulani Ba Ka Khosa, Mia Couto, Luís Carlos Patraquim, Paulina Chiziane, Suleiman Cassamo. Em meio a esses escritores, destacamos Lília Maria Clara Carrière Momplé (Lília Momphé) nascida em 1935, na Ilha de Moçambique. *Ninguém matou Suhura*, seu primeiro livro de contos, foi divulgado em 1988 e narra fatos ocorridos durante o tempo colonial. A ele se seguiu o romance *Neighbours*, de 1995, que retrata fatos ocorridos durante a guerra civil. De maneira semelhante, o livro *Os olhos da cobra verde* (1997) também se inspiram na vida quotidiana de Moçambique, desde o tempo colonial até a época atual. Além desses livros, produziu o vídeo-drama *Muipiti*, que ganhou a distinção de melhor vídeo

moçambicano produzido em 1998 e conta a história de uma mulher da Ilha de Moçambique.

SOBRE A AUTORA

Lília Maria Clara Carrière Momplé nasceu na Ilha de Moçambique, província de Nampula, no norte de Moçambique, em 19 de Março de 1935. No que se refere a sua vida profissional, Momplé é formada em Serviços Sociais e trabalhou como assistente social em Lisboa, Lourenço Marques (atual cidade de Maputo) e em São Paulo, Brasil, entre 1960 e 1970.

Momplé também se dedicou ao estudo da língua: foi diretora e professora de Língua Portuguesa e Inglesa na Escola Secundária de Ilha de Moçambique entre 1970 e 1981. De 1992 a 1998, ela foi diretora do Fundo para o Desenvolvimento Artístico e Cultural de Moçambique (FUNDAC) e, de 2001 a 2005, foi membro do Conselho Executivo da UNESCO (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura). No seu percurso literário, dirigiu a Associação dos Escritores Moçambicanos (AEMO) de 1991 a 2001; como secretária geral, após esse período, foi presidente da Mesa da Assembleia-geral da mesma agremiação.

A sua primeira obra, com o título *Ninguém Matou Suhura*, é uma coletânea de contos e veio a público em 1988. *Neighbours* é um romance, publicado em 1995. A terceira obra da autora é outra coletânea de contos: *Os olhos da cobra verde*, publicado em 1997. Esses trabalhos foram editados pela AEMO. As obras da Momplé já foram editadas em Inglês, Italiano, Francês e Alemão. Esse aspecto demonstra, por meio de seu trabalho, ser uma escritora engajada com os problemas sociais vividos pelos seus contemporâneos. Por isso representa a incoerência de abster-se do preconceito racial e da violência colonial em suas produções e utiliza-se da sua figura pública e da sua ferramenta de trabalho, a língua/literatura, para denunciar e problematizar as desigualdades da realidade pós-colonial:

As guerras miúdas de grupos organizados e pessoas preconceituosas e ressentidas motivam a escrita de Lília Momplé, que, atenta aos efeitos da colonização e das guerras, transmuta em ficção as cenas de guerras menores embora não menos violentas e, sobretudo, injustificáveis. Faces de uma guerra que ainda não conheceu trégua e longe está da deposição definitiva das armas (DUARTE, 2013, p. 6).

Dessa forma, podemos aferir que Momplé é afetada, em sua escrita, pelos conflitos que envolvem os seus semelhantes, porque a Literatura serve, também, como um meio de alerta sociedade. A autora utiliza-se da ficção para retratar uma realidade cruel, inacreditável e injustificável; trazendo até nós os efeitos da colonização e das guerras no povo moçambicano.

[...] esta mulher que escreve o que lhe vai na alma, inspira os jovens e, nas suas obras, revela os mistérios da sua força nacionalista e pela justiça social. Há quem diga que cada escrito da Lília Momplé, é uma denúncia, mas a escritora prefere dizer que é um momento de desabafo, revelação, confidências e só o faz quando não aguenta mais se calar (DUARTE, 2013, p. 9).

Momplé é uma voz coletiva proveniente de uma comunidade que vivencia indiscriminadamente o racismo, os problemas sociais, econômicos e educacionais. A autora serve-se dos pormenores para especificar o geral e é dessa maneira que ela consegue retratar a vida cotidiana moçambicana, bem como denunciar o que não vai bem. De acordo com Alós (2011), o advento da independência política das ex-colônias portuguesas (tardia, se considerarmos as independências europeias e americanas) promoveu uma reorganização desses povos no que se refere às “maneiras de ‘ser no mundo’, bem como as de se compreender questões tais como a infância, os significados da masculinidade e da feminilidade, as modalidades de institucionalização das entidades coletivas e as projeções metafóricas [...]” (ALÓS, 2011, p. 147). Sendo essa reestruturação uma nova maneira de organizarem-se os símbolos que regem a vida social e a criação literária. Na pauta a seguir mostramos um pouco como a ficção se articula com história.

QUANDO A HISTÓRIA E A FIÇÃO SE ENTRELAÇAM EM NINGUÉM MATOU SUHURA, DE LILIA MOMPLÉ

A ficção e a história são narrativas específicas, mas, ao tempo, aproximam-se e distinguem – se apenas por suas estruturas, assegura Hutcheon (1991). Essa interação pressupõe a dúvida com relação à autenticidade e a inautenticidade dos objetos a serem analisados. Por isso, reescrever o passado na ficção constitui o mesmo processo da escrita da história, ambos os casos revelam o fato ao presente. Para Hutcheon (1991), isso impede

que, tanto a história como a literatura, sejam conclusivas e teleológicas, ou seja, a relação da escrita com o fato sempre é questionável.

A literatura enquanto problematizadora da história possui, sem dúvidas, um esquema de referências do passado. O resgate de um acontecimento feito através da obra de arte sempre gera polêmica, pois nessa "visita" ao passado podem-se descobrir "verdades" até então não reveladas, devido às relações de interesse e poder de "grupos" conservadores. A História da Literatura contemporânea, aliada aos modelos progressistas de retratar a arte pelas diferenças, como é o caso da literatura pós-colonialista, verificou que era necessário problematizar, a sua maneira, seu contexto social. Por motivos como esse, o final do século XX foi marcado por uma atomização das camadas eruditas da arte e firmou-se a consciência de que a história vinha sendo contada "de cima", sob um misto de interesses e ideologia dos historiadores. A obra em questão traz à tona às questões da brutalidade do colonialismo português.

Em conformidade com *Alós* (2011), a obra *Ninguém matou Suhura*, finalmente, recebe uma merecida reedição, ainda que arcada pela sua própria autora. Esse é um livro de contos composto de maneira singular. As cinco narrativas que o compõem podem ser lidas de maneira independente, mas, ao mesmo tempo, estão interconectadas de maneira temática, através da representação e da denúncia da violenta experiência colonial dos povos de Moçambique e Angola ao longo do século XX.

Observamos que os contos retratam aspectos singulares do colonialismo português em África, cobrindo uma linha temporal que se estendem de 1935 a 1974. Cada um dos contos inicia com uma data precisa e, à exceção de *Aconteceu em Sava-Sava* (narrativa que abre o livro), cada um deles insurge do universo abordado pela escritora com uma definição geográfica precisa, indicando a cidade na qual os eventos narrados desenrolam-se. Com exceção, a última narrativa, intitulada *O último pesadelo*, a qual se ocorre em Luanda, todos os outros contos estão ambientados em Lourenço Marques (a antiga capital colonial, que, após a independência moçambicana, em 1975, passa a chamar-se Maputo e torna-se a capital do país) ou na Ilha de Moçambique (terra natal da escritora).

Alós (2011) assevera que em todos os contos, Momplé adota um narrador em terceira pessoa e onisciente, e a focalização narrativa oscila entre a focalização interna (na qual a voz narrativa tem acesso aos pensamentos e ao universo interior das personagens) e a narrativa externa (na qual, a partir de um *locus* exterior ao universo diegético instaurado pelos eventos narrados, a voz narrativa emite seus juízos e comentários acerca dos

eventos que vão sendo apresentados ao leitor). É imperativo lembrar que essa técnica narrativa é uma constante ao longo de todas as obras de Lília Momplé.

Ninguém matou Suhura - conto que dá título ao livro - é, o conto que mais denuncia as arbitrariedades do colonialismo português em terras moçambicanas. Na primeira parte do conto, relata-se o dia do Senhor Administrador, que mantém uma ***garçonnière*** em uma região afastada da cidade, para a qual leva as garotas virgens que frequentemente encontra pelas ruas no intuito de violentá-las. Na segunda parte, conta-se o cotidiano de Suhura, uma jovem humilde que mora com a avó e que termina sua tarde sendo escolhida pelo Senhor Administrador em um dos seus passeios pelas ruas da Ilha de Moçambique, na província de Nampula, em uma tarde de 1970. Finalmente, na terceira parte do conto, "O fim do dia", é relatado o encontro de Suhura com o Senhor Administrador em um quartinho na casa de D. Júlia Sá, onde Suhura encontra-se assustada diante do encontro com um desconhecido e tenta, desesperadamente, defender-se:

Trava-se então uma luta surda e feroz que o desejo cego do senhor administrador e o desespero da rapariga prolongam até à exaustão. Vence o mais forte. Com o quimão rasgado e as capulanas espalhadas pelo chão, Suhura é arrastada para a cama. Ela, porém, não deixa de resistir, utilizando por fim a força dos seus dentes jovens. Por um breve instante, o homem e a rapariga encaram-se de frente e a ironia que brilha no fundo dos olhos de Suhura lembram ao senhor administrador um outro olhar, o inquietante olhar da sua filha Manuela. Então a raiva que o sufoca atinge o auge. Já não sabe se quer possuir ou matar esta negrinha que ousa resistir à sua vontade e que, embora subjugada pelo seu corpo possante, estrebucha e morde como um animal encurralado. Por fim, usa de toda a sua força, indiferente às consequências. Um grito rouco e breve é a resposta de Suhura. Depois o silêncio e a imobilidade total. O senhor administrador só se apercebe do significado de tal silêncio e imobilidade quando, já de pé e meio vestido, repara que a rapariga não se levanta da cama. Observa-a melhor e não é preciso tocar-lhe para ter a certeza de que está morta. O corpo inerte conserva uma obstinada atitude de recusa e uma flor de sangue contorna-lhe as magras coxas. (MOMPLÉ, 2007, p. 85-86).

O trecho do conto mostra o quanto às mulheres negras eram vistas como objeto sexual pelos colonizadores portugueses, esse trecho é

destacado por mostrar o quanto essas mulheres foram objetificadas e, por fim, despersonalizadas, o que fica evidente com o assassinato de Suhura. Nessa parte do conto, a autora relata o estupro de Suhura pelo Senhor Administrador, apesar de sua desesperada tentativa de resistência, quando “trava-se então uma luta surda e feroz que o desejo cego do senhor administrador e o desespero da rapariga prolongam até à exaustão” (Momplé, 2007, p. 85), o assassinato da jovem e a entrega de seu corpo à avó. O conto ***Ninguém matou Suhura*** denuncia a violência praticada pelos portugueses em suas colônias africanas e a relação que estabeleciam com os negros africanos.

Na narrativa histórica, White (1995) assegura que o historiador tem por objetivo arranjar e organizar os eventos identificados no passado, mas isso não foge a subjetividade do sujeito historiador. Por isso, a diferença de maior relevância entre a história e a ficção é que o historiador “encontra” suas histórias e as interpreta, ao passo que o ficcionista “inventa” suas histórias a partir de outras. Em ***Ninguém matou Suhura os eventos históricos que são descritos mesclam-se ao fictício***. O conto, em enfoque, ao tempo que rememora a história por meio de um passado doloroso e sombrio, traz uma narrativa de denúncia. Nesse sentido, o pensamento Hutcheon (1991) corrobora com este estudo ao citar a metaficção historiográfica. E sugere que “ A metaficção historiográfica defende que só existem “verdades”, no plural, e jamais uma só verdade definida. Além disso, o que diferencia a narrativa ficcional da histórica são suas estruturas, as quais são contrariadas pela metaficção.

Outro ponto a ser realçado nessa leitura diz respeito aos relacionamentos que o Senhor Administrador mantinha com as meninas da Ilha de Moçambique, cabe ressaltar que esses não se tratavam de relacionamentos visando a um ideal de embranquecimento e desejo de acesso a um mundo supostamente mais civilizado, especialmente no caso de Suhura. Eram relacionamentos calcados nas relações de poder que existiam entre colonizador e povos colonizados. Nesse sentido, cabe ressaltar que o poder que o senhor Administrador tinha sobre o corpo das jovens da Ilha de Moçambique, com o apoio da D. Júlia Sá, dona da pensão e de alguns outros moçambicanos, que tinham o papel de localizar as meninas e comunicar a elas e suas famílias a decisão do Senhor Administrador, evidencia a hipótese de Fanon (2008), de que certas práticas racistas apenas são possíveis em uma comunidade quando são de alguma forma, legitimadas pela elite social e política.

O que ainda nos chama a atenção nesse conto não é unicamente a violência utilizada pelo colonizador português para dominar e possuir a jovem Suhura, mas também a estratégia de esfacelamento dos laços fraternos entre os moçambicanos, uma vez que foi o sipaio Abdulrazaque que “encarregou-se depois de todos os preparativos para o encontro desta tarde” (MOMPLÉ, 2009, p. 66). Foi ele quem abordou a vó da menina:

– Velha, não sabe o que está a dizer! – berrou irritado - Eu podia chegar a sua casa e levar a sua neta para o senhor administrador e pronto. – Mas eu não gosto de faltar ao respeito e, por isso, pedi à nuno Agira para falar primeiro. [...] E você, velha, em vez de ficar contente, quer discutir as ordens do senhor administrador? [...] O sipaio falava em macua, mas introduzia de vez em quando uma frase em português, para marcar bem as distâncias entre ele e a velha que mal percebe esta língua. (MOMPLÉ, 2007, p.82).

Na sua ignorância e labuta de cumprir as ordens do administrador, Abdulrazaque julga estar respeitando a avó de Suhura, apenas por utilizar uma intermediária, mas examinamos no fim dessa conversa que ele levanta-se, posta-se “diante da avó, dominando-a com o seu corpo imenso [...]”(MOMPLÉ, 2007, p.82) e deixa marcado o dia que virá buscar Suhura para o encontro com o administrador. Porém, no dia marcado, a avó diz que a jovem estava doente. Nesse dia o sipaio insulta e ameaça a avó. Combinam então um novo dia.

Alós (2011) alude que o conto *Ninguém matou Suhura* (1988) apresenta uma situação de **desenraizamento**, uma vez que a narrativa se desenrola em um país colonizado, no qual a população estava dominada ao domínio de outra nação. Nesse caso, como em outras circunstâncias do colonialismo em África, a conquista pelos estrangeiros implicava em uma ruptura da possibilidade de ligação entre o passado e o futuro dos povos conquistados. A luta surda e feroz entre Suhura e o Senhor Administrador pode ser lida, nesse contexto, como uma resistência da jovem à dominação de seu corpo, no plano individual e, como uma resistência à colonização, uma vez que Suhura representa uma coletividade. Desse modo, a luta travada demonstra uma tentativa de evitar perder seu passado, tanto coletivo quanto individual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto ficcional de Momplé torna-se evidente uma vez que conserva o esforço de vencer a amnésia social, com vistas a manter vivas as recordações das violências e das arbitrariedades colonialistas.

A beleza de seus contos é ajustada à crueza da violência descrita ao longo das páginas de *Ninguém matou Suhura*. É recorrente, em suas narrativas, a presença de uma melancolia histórica, provocada pelo apagamento das agruras da luta pela independência das ex-colônias africanas, e de um atento olhar para os desfavorecidos que mais sofreram durante a história moçambicana ao longo do século XX. Por trás de personagens como, Suhura e suas trágicas trajetórias, é possível para o leitor de hoje vislumbrar um pouco da experiência colonial moçambicana através da perspectiva dos sujeitos silenciados ao longo da história recente.

Notamos que a desigualdade com que o conto analisado retrata situações de opressão que confrontam com os pilares da nossa condição humana. Dessa forma, a autora desnuda nos contos o processo colonizador marcado pela opressão, segregação e aversão.

Constatamos o posicionamento político-ideológico de Momplé que pela denúncia, almeja que o ser humano seja valorizado, não pela sua capacidade de produção, mas por sua humanidade.

REFERÊNCIAS

ALÓS, Anselmo Peres. Histórias lusófonas das margens do Índico: *As mãos dos pretos (antologia do conto moçambicano)*. *Revista África e Africanidades*, ano 2, n. 7, p. 1-6, nov. 2011.

Afro-brasileiros: construindo e reconstruindo os rumos da história. Disponível em: <http://africaeafricanidades.com.br/documentos/As_maos_de_pretos.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2019.

DUARTE, Zuleide. Lília Momplé: estórias de uma história contada com lágrimas. **LITERATAS**: revista de Literatura moçambicana e lusófona. Maputo, ano II, n. 43, ago. 2012. Disponível em: <<http://revistaliteratas.blogspot.com>>. Acesso em: 26 abr. 2013.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

HUTCHEON, L. *Poética do Pós-Modernismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

MOMPLÉ, Lília. *Ninguém matou Suhura*. Maputo: Associação dos Escritores Moçambicanos, 1988. 82 p. (Coleção Karingana, n. 7).

MOMPLÉ, Lília . *Neighbours*. Maputo: Associação dos Escritores Moçambicanos, 1995. 109 p. (Coleção Karingana, n. 16).

MOMPLÉ, Lília. *Os olhos da cobra verde*. Maputo: Associação dos Escritores Moçambicanos, 1997. 89 p. (Coleção Karingana, n. 18).

MOMPLÉ, Lília . *Ninguém matou Suhura*. 3. Ed. Maputo: Edição da Autora, 2007.

REIS, Jair Teixeira dos.. *Manual Prático de Direito do Trabalho* - 2ª Edição - Revista e Atualizada, Curitiba: Juruá Editora, 2007.

WHITE, Hayden . *Meta-história: a imaginação histórica do século XIX*. Trad. José. L. De Melo. 2 ed. São Paulo: Edusp, 1995.